

Jaqueline Ogliari Rezende

O viver dos beradeiros do Madeira

Aspectos da identidade cabocla ribeirinha em Porto Velho

CELACC/ECA-USP

2013

Jaqueline Ogliari Rezende¹

O viver dos beradeiros do Madeira

Aspectos da identidade cabocla ribeirinha em Porto Velho

Trabalho de conclusão do curso
de pós-graduação em Mídia,
Informação e Cultura, produzido
sob orientação do prof. Dr.
Dennis de Oliveira.

CELACC/ECA-USP

2013

¹ Jaqueline Ogliari Rezende é jornalista, formada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Atualmente é editora de materiais didáticos digitais.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço a todos os entrevistados, em especial aos poetas Dom Lauro e Caribé, que me fizeram enxergar e reconhecer minha própria identidade.

Agradeço imensamente ao prof. dr. Dennis de Oliveira, pela paciência e orientação, pelas discussões que me apresentaram visões únicas do tema que foi abordado e por me ajudar a crescer como pesquisadora.

Agradeço a meus colegas do Midcult, que viraram grandes amigos para a vida toda. Obrigada pelo apoio moral, palpites, sugestões e alegrias que me proporcionaram nesses últimos dois anos.

Muito obrigada a meus pais queridos, Nair e Robinson, e à família e aos amigos de Porto Velho, por suportarem a saudade de morar longe com muito amor e conversa, o que deixa nosso lar sempre mais perto.

E, finalmente, muito obrigada a meu companheiro Bruno e à família e aos amigos de São Paulo, que me ajudam a superar a saudade de casa e da minha querida Porto Velho.

Caboco rei dos rios e igarapés
Esta é a tua grandeza
Pois a mãe natureza sabe quem tu és
Caboco rei no calor ou no frio
Esta é nossa homenagem
A você meu caboco de todo o Brasil.
(“Caboco rei”, de Caribé)

Resumo

Este artigo tem como objetivo explicar os pontos de vista do modo de vida beradeiro em um contexto histórico – a construção do grupo social sobre o rio Madeira, Porto Velho – e em um contexto atual, analisando os impactos da construção de hidrelétricas, o mais recente ciclo econômico na região. Por meio de entrevistas, a análise da historiografia de Rondônia, do contexto contemporâneo da cidade e das obras dos poetas Dom Lauro e Caribé, este artigo visa a apresentar os aspectos que constroem (e reconstroem) uma identidade ribeirinha, forjada por elementos de resistência da vida na floresta e da conveniência para o progresso da economia local.

Palavras chave: beradeiro, ribeirinho, identidade, cultura popular

Abstract

This article aims to explain the views of the beradeiro way of life in a historical context – the building of the social group on the river Madeira, Porto Velho – and in a current context, analyzing the impacts of the construction of hydroelectric plants, the latest economic cycle in the region. Through interviews, analysis of the historiography of Rondônia, of the contemporary context of the city and the works of poets Don Lauro and Caribé, this article seeks to present the aspects that build (and rebuild) a riverside identity, forged by resistance elements of the forest's life and the convenience to the progress of the local economy.

Keywords: beradeiro, riverine, identity, popular culture

Resumen

Este artículo trata de explicar los puntos de vista de la forma de vida beradeira en un contexto histórico – la construcción del grupo social en el río Madeira, Porto Velho – y en un contexto actual, el análisis de los impactos de la construcción de las centrales hidroeléctricas, lo último ciclo en la región. A través de entrevistas, análisis de la historiografía de Rondônia, del contexto contemporáneo de la ciudad y las obras de los poetas Don Lauro y Caribé, este artículo tiene como objetivo presentar los aspectos que le permiten desarrollar (y reconstruir) una identidad ribेरina, forjada por los elementos de resistencia da vida en la selva y la comodidad de la marcha de la economía local.

Palabras-clave: beradeiro, ribeirinos, identidad, cultura popular

Sumário

Introdução	7
1. A formação de um povo novo: o beradeiro	9
2. O exército da borracha	12
3. Nos aluviões, mais esperança	13
4. Um novo ciclo, velhas ilusões	14
5. Da cultura popular	17
6. Outra vida, outra identidade	19
7. Estudo de campo	22
8. A migração.....	23
9. O rio	25
10. A cidade	29
Considerações finais	32
Referências bibliográficas	34

Introdução

Ao longo de mais de um século, o estado de Rondônia foi formado a partir de ciclos econômicos que resultaram em fluxos migratórios de diferentes regiões do Brasil e do mundo, mesclando-se costumes e hábitos de diversas culturas. Por conta da extração da borracha, a capital Porto Velho concentrou a maior parte dos migrantes nordestinos, que se deslocaram para a cidade amazônica em busca de uma vida melhor, sem as agruras das secas e da pobreza do sertão.

No entanto, ao chegarem à Amazônia, depararam-se com um ambiente hostil, e com muita dificuldade aprenderam a se adaptar à floresta. Germinava, assim, um “povo novo”, o caboclo, (RIBEIRO, 1995), mistura de indígenas, desgarrados de suas culturas originais, com os retirantes nordestinos, através do compartilhamento de conhecimentos, de culturas, de hábitos e de viveres.

Este trabalho apresenta os aspectos da cultura e identidade desse “novo povo”, o caboclo, aqui também chamado de beradeiro ou ribeirinho. Os três termos carregam sentidos únicos de um povo que vive à beira do rio, formado a partir de identidades fragmentadas, que hoje persiste em conservar e ressignificar o seu modo de viver particular ao enfrentar a crescente urbanização de Porto Velho. Vivem também sob a interferência causada pela construção das usinas do complexo do rio Madeira, o mais recente ciclo econômico da cidade.

Essa interferência implica diversas transformações, tanto da parte da resistência, que busca a reconstrução da figura do ribeirinho para preservar uma cultura que se tornou tradicional de Porto Velho, quanto da parte da conveniência, aproveitando-se dos benefícios que a construção das usinas poderá proporcionar aos beradeiros. Para isso, analisar-se-á a ambiguidade posta à vista, pois não se pode isolar aspectos sócio-culturais construídos por práticas e história, por formas de sociabilidade e pela relação com o tempo e o espaço (CHAUÍ, 1989).

Para o desenvolvimento deste trabalho, foram feitas entrevistas com cinco beradeiros, abordando elementos primordiais, captados nas conversas, que fazem parte do modo de ser do ribeirinho. Dois deles são artistas, considerados ícones da cultura popular de Porto Velho. Parte da obra desses artistas também foi analisada para a construção deste artigo.

Os dois artistas são o cantor e compositor Caribé, morador do município de Cujubim, limítrofe à capital, e o poeta Dom Lauro, habitante de Porto Velho, mas que

vai sempre que possível para Cujubim, onde constrói uma casa de leitura localizada à beira do rio Madeira. Em pouco tempo, a casa de leitura, feita também em conjunto com Caribé e outros artistas locais, atenderá a população do Baixo Madeira e será um ambiente de contemplação e promoção da cultura ribeirinha.

1. A formação de um povo novo: o beradeiro

Em geral, ao debruçarmo-nos sobre a historiografia do estado de Rondônia, verificamos os feitos dos desbravadores que, desde os tempos coloniais, rasgaram a mata em busca de riquezas e prosperidade. A história rondoniense conduz os feitos dos bandeirantes, que percorreram os rios amazônicos determinando fronteiras e capturando índios para escravidão, catequizando-os conforme as doutrinas dos jesuítas; embora, muitas vezes, sofreram a resistência dos povos locais, hostis àquela nova gente, e penaram com as agruras da vida na selva.

A muito custo, fixaram-se por meio de aldeias catequéticas na região dos três principais rios – Guaporé, Mamoré e Madeira –, engajados em estabelecer o domínio da Coroa portuguesa na Amazônia e explorar as minas descobertas de metais preciosos (SILVA, 1991). Uma dessas aldeias, a de Santo Antônio das Cachoeiras, esboçou a instalação do atual município de Porto Velho. Mas, até o fim do século XIX, o povoado de Santo Antônio havia sido abandonado, pois não havia interesse por parte dos bandeirantes em se estabelecer na região, já que estavam à procura do enriquecimento e a eles interessava voltar o mais rápido possível para os grandes centros urbanos da colônia.

Santo Antônio só retomou sua importância local quando foi iniciada a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM), em 1907, com a chegada da empresa do norte-americano Percival Farquhar. Sua figura é destacada pela história de Rondônia como a de um desbravador, obstinado em construir a ferrovia que ligaria a Bolívia à Belém, por conta do Tratado de Petrópolis firmado entre os governos brasileiro e boliviano.

Farquhar conseguiu a concessão para construir a ferrovia, a parte do Tratado de Petrópolis que cabia ao Brasil que, em troca, recebeu o território do Acre, na época ocupado por seringueiros brasileiros no auge do ciclo da borracha. Esse ciclo econômico, assim como a construção da EFMM, estimulou a migração de um enorme contingente ávido por fazer riqueza ou mesmo por melhores condições de vida; era o primeiro fluxo migratório intenso no território que hoje corresponde a Rondônia.

No caso da ferrovia, os imigrantes eram compostos de homens aventureiros de diversas nacionalidades, atraídos pela propaganda que corria o mundo. Mas, ao chegarem para a construção, depararam-se com as dificuldades de adaptação no

terreno amazônico e as doenças endêmicas, como a malária. Muitos deles foram dizimados pela construção da *ferrovia do diabo*.

A história da ferrovia é entrelaçada com o ciclo econômico da borracha. Sua construção era fundamental para o escoamento do látex, que depois prosseguiria pelos rios amazônicos até Belém e, de lá, para o exterior. A borracha era exclusiva da Amazônia e matéria-prima primordial para a indústria automobilística na Europa, efervescida pela Revolução Industrial. De acordo com o historiador Amizael Gomes da Silva (1991, p. 31), “a Inglaterra era, então, a melhor compradora da borracha brasileira”; a atividade era extremamente lucrativa e estimulou o crescimento e urbanização das metrópoles Manaus e Belém, assim como o da recente cidade de Porto Velho, fundada em 1912 a sete quilômetros de Santo Antônio.

Os migrantes que viriam a ser seringueiros aplicaram na extração da borracha a expectativa pela chance de uma vida menos áspera. Eram cerca de meio milhão de nordestinos que abandonaram as sucessivas secas no sertão; a mais devastadora ocorreu em 1877 e foi responsável pela fuga de milhares de pessoas dispostas a se embrenharem na mata amazônica em busca do “ouro branco” (RIBEIRO, 1995). Ainda segundo o antropólogo Darcy Ribeiro:

Para esse esforço produtivo [a extração da borracha], fora necessário resolver um problema preliminar: o recrutamento maciço da mão de obra de que carecia o vale para atender ao empreendimento e capaz de submeter-se às duras condições de trabalho dos seringais. Esse requisito foi preenchido com apelo às enormes reservas de mão de obra acumuladas no Nordeste pastoril, assolado por uma seca prolongada, que ocasionara mais de 100 mil mortes, e castigado por um sistema latifundiário primitivo e terrivelmente poliativo. Iniciou-se, assim, uma transladação de populações que conduziria cerca de meio milhão de nordestinos à Amazônia. (RIBEIRO, 1995: p. 324)

Em seus estudos, Amizael Gomes da Silva também ressalta a resistência dos primeiros seringueiros, que se desgarraram do sertão determinados em desbravar a floresta:

Na solidão escura, a floresta era dilacerada palmo a palmo, quilômetro a quilômetro, pelo intrépido seringueiro [...] A fibra, a resistência do retirante, a capacidade de vencer o clima davam ao nordestino a superioridade sobre tudo

que lhes tentasse impedir a marcha conquistadora, e o rio Madeira e seus contribuintes e respectivos tributários eram conquistados, finalmente, por uma população disposta a enriquecer. (SILVA, 1991: p. 32)

A extração de borracha amazônica foi solapada pela produção dos seringais plantados pelos ingleses na Malásia com sementes retiradas da própria Amazônia. Quando concluíram as obras da EFMM, em 1912, o uso da ferrovia já não fazia mais sentido com a queda vertiginosa das vendas do látex brasileiro. Além disso, a estrutura da ferrovia sucumbiu às chuvas da floresta, pois os trilhos não resistiam ao solo de várzea.

Com o fim do ciclo da borracha, os milhares de seringueiros foram abandonados à própria sorte e tiveram de se alojar em seus locais de trabalho, isto é, a floresta. Os que sobreviveram às doenças endêmicas construíram casas de madeira e tapiris² nas beiras dos rios e igarapés; aprenderam a plantar e a pescar e miscigenaram-se com índios dilacerados pela ocupação não indígena ocorrida desde o período colonial.

Nestes ciclos econômicos, o contato do ribeirinho com o índio foi uma constante realidade que o ajudou a não adotar o modelo civilizatório imposto à natureza. No processo de transformação da floresta em espaços de produção capitalista, muitos usaram o termo de “amansar a mata”, mas na verdade quem foi “amansado” foi o próprio homem, no caso, o ribeirinho, que reencontrou raízes ancestrais de relações diretas com a natureza, agora não na ótica da dominação, mas na da convivência pacífica; um não ataca o outro para que não se destruam. (CABRAL, 2002: pp. 2-3)

Assim, o nordestino e o índio constituíram um gênero novo que construía uma percepção diferente do viver na mata, uma amálgama humana que aprendeu a viver em simbiose com a natureza e com o que ela poderia lhe oferecer. Esse gênero faz parte do “povo novo” de Darcy Ribeiro, termo cunhado pelo antropólogo para explicar o surgimento de uma nova etnia nacional, a miscigenação das três matrizes principais – o índio, o branco e o negro – que resultou no povo brasileiro.

² Abrigos rudimentares feitos com tronco de madeira e cobertos com palha.

Darcy Ribeiro abordou a constituição do brasileiro ao categorizá-lo em cinco tipos, explicando a etnologia de cada um deles: crioulo, sertanejo, caipira, sulino e caboclo. Os beradeiros se encaixam neste último tipo, mistura de índio com branco. De acordo com Ribeiro, essa miscigenação ocorre desde o período colonial, com a exploração das drogas do sertão e se alastrou por diversos pontos da Amazônia, intensificando-se com o crescimento da atividade extrativista da borracha no fim do século XIX; os índios “perderam sua língua própria, adotando o português, mas mantiveram a consciência de sua identidade diferenciada e o seu modo de vida de povo da floresta” (1995, p. 320).

Essa característica – “modo de vida de povo da floresta” – está intrínseca ao ribeirinho, pois grande parte do conhecimento que o formou e construiu a sua identidade se baseia nela; é o que mote de uma cultura que, como veremos mais à frente, consolidou-se por meio de muita resistência: da parte dos índios em preservar sua cultura original; da parte dos retirantes, que o fizeram em busca da sobrevivência na selva.

2. O exército da borracha

Paralelamente à construção da ferrovia, ocorria a construção das linhas telegráficas, cuja instalação representava uma medida protecionista do governo brasileiro para integrar os *vazios demográficos* aos grandes centros urbanos. Liderada pelo Marechal Cândido Rondon, as linhas telegráficas deram origem aos primeiros núcleos urbanos no interior do atual estado de Rondônia.

Mais tarde, no início da década de 1960, as picadas abertas por Rondon seriam a base para a construção da BR-364, a rodovia que liga o centro-sul brasileiro a Rondônia e Acre, e que viria a estimular o crescimento populacional do estado rondoniense, a partir da expansão da fronteira agrícola e a instalação de projetos de colonização do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

Um novo ciclo da borracha foi estruturado em meados da década de 1940. A extração foi restabelecida por conta da dominação dos japoneses nas ilhas do Pacífico Sul, impedindo o acesso ao látex malásio pelos ingleses. Novos seringueiros foram recrutados pelo governo federal brasileiro – era o *exército da borracha*. O termo foi cunhado por conta do acordo entre os governos norte-americano e brasileiro para a

Segunda Guerra Mundial: o Brasil queria empréstimos para estimular a economia nacional, em especial as indústrias de base; os Estados Unidos buscavam um aliado para estabelecer uma base naval em Natal (RN) e garantir o fornecimento do látex para a indústria automobilística.

O período de extração ocorreu de forma muito breve: durou apenas três anos. Mas foi o suficiente para transladar entre 30 e 50 mil brasileiros para a Amazônia (RIBEIRO, 1995); a maioria eram nordestinos que continuavam a fugir da miséria fadada ao sertão em que viviam. Parte deles engrossou o contingente em Porto Velho, município que traçava a sina de viver em razão de ciclos econômicos instáveis, à mercê de empreendedores e do governo federal.

3. Nos aluviões, mais esperança

Assim como a borracha, a cassiterita também estimulou o surgimento de um ciclo econômico em Porto Velho. A exploração teve o seu auge na década de 1960 e foi responsável por mais um surto populacional no município. Estima-se que 30 mil brasileiros, de todas as regiões, dirigiram-se para a cidade à procura do mineral de estanho (THÉRY, 2010).

Os aluviões se apinharam de gente até 1971, ano em que a garimpagem manual foi proibida pelo Ministério de Minas e Energia, sob a alegação de que não seria tão rentável quanto a exploração mecanizada. Porém, o ciclo da cassiterita estava totalmente estruturado no garimpo manual, que permitia a circulação de capital na região. Com a mecanização, esse capital deixou de ser aplicado em Porto Velho e encerrou, assim, a corrida pela cassiterita.

Com a construção da BR-364, na década de 1960, o ciclo econômico agrícola tomou conta do Território Federal de Rondônia, antigo Guaporé. A mecanização das lavouras no centro-sul brasileiro expulsou os micro e pequenos agricultores dessa região, que encontraram incentivo nos projetos de colonização do INCRA. Recebendo esse fluxo intenso de imigrantes, Rondônia em breve teria de passar à condição de estado da União; o que se tornou realidade em dezembro de 1981.

A construção da rodovia, que atualmente liga Limeira (SP) a Rodrigues Alves (AC), fazia parte do projeto desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek. Foi continuado pelos governos militares com o Plano de Integração Nacional, cujo lema

era “Integrar para não entregar”, sem qualquer preocupação com os recursos naturais da floresta amazônica. Na época, a Amazônia era vista como uma região “atrasada” frente à industrialização do centro-sul brasileiro; visão progressista que ainda hoje predomina nos projetos dos governos estaduais e federal na Região Norte.

Em Porto Velho, a mais nova capital, começou a despontar uma nova atividade extrativista: a exploração de ouro no leito do rio Madeira. Balsas e dragas instalaram-se ao longo do curso do rio, e mais aventureiros desembarcaram na cidade para integrar a corrida do ouro. Eram os refugiados da “década perdida”, período de intensa crise econômica que dilacerou o Brasil; para esses homens e suas famílias, a extração de ouro era a única esperança de sobreviverem à falta de emprego que acometia as demais economias estaduais.

O garimpo de ouro arrefeceu durante a década de 1990, mas persiste em menor escala nos dias de hoje. A atividade encontra-se ameaçada com a construção do complexo hidrelétrico do rio Madeira, que modificará o regime de cheias do rio e dificultará a extração do metal precioso dos aluviões, economia que ainda movimentava cerca de R\$ 12 milhões na capital portovelhense³.

4. Um novo ciclo, velhas ilusões

Nos meses que antecederam a construção das duas usinas hidrelétricas no rio Madeira – Santo Antônio, a sete quilômetros de Porto Velho, e Jirau, localizada a 120 quilômetros da capital –, o estado de Rondônia viveu a euforia do início de mais um ciclo econômico. Comparando os dados dos censos demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), verifica-se o crescimento populacional de cerca de 28% em Porto Velho entre os anos 2000 e 2010⁴.

Grande parte desse contingente é composta de milhares de migrantes que chegaram após o leilão da concessão para a construção das duas centrais hidrelétricas.

³ Dado obtido na reportagem “Cerca de 150 quilos de ouro são extraídos por mês em Porto Velho”, do site de notícias G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2012/09/cerca-de-150-quilos-de-ouro-sao-extraidos-por-mes-em-porto-velho.html>>. Acesso em: 13 abr. 2013.

⁴ O percentual de crescimento foi calculado com base nos dados informados pelos censos demográficos de 2000 e 2010 do IBGE, tomando como base o número total da população residente na cidade de Porto Velho (334.661 moradores em 2000 e 428.527 em 2010).

Bilhões de reais foram injetados na economia local e novas empresas foram abertas na cidade. Em 2011, a economia do estado de Rondônia foi a que mais cresceu no Brasil, atingindo o índice de 7,3%⁵. A especulação estimulou o mercado imobiliário na cidade, novamente tomada pela esperança de desenvolvimento econômico.

Os consórcios Santo Antônio Energia e Energia Sustentável do Brasil – detentoras das concessões da usina de Santo Antônio e Jirau, respectivamente – pontuam a importância de seus programas de compensação socioambientais na região do Madeira, em especial a realocação de moradores da beira do rio para novos centros urbanos e investimentos em projetos de cultura e pesquisas científicas locais. Os investimentos do governo federal fez ressurgir as ilusões de que Porto Velho deslancharia como o polo de uma economia regional equiparada às metrópoles Manaus e Belém, e que o ciclo das usinas hidrelétricas vingaria, ao contrário dos eventos econômicos anteriores.

No entanto, o fim do ciclo das usinas já assombra a economia de Porto Velho e arrefeceu as ilusões dos que ambicionam colocar Rondônia no topo dos índices econômicos do país. Desde 2012, o número de trabalhadores nas construções dos empreendimentos começou a cair, e os negócios na cidade já se preocupam em se ajustar às mudanças do mercado.

Porto Velho sofre com o sucateamento das obras públicas e os casos de corrupção ocorridos na última gestão municipal; em dezembro de 2012, o ex-prefeito Roberto Sobrinho (PT-RO) e parte de sua equipe foram afastados de seus cargos em operação do Tribunal de Contas do Estado e do Ministério Público de Rondônia, que deflagrou o desvio de verbas públicas em licitações fraudadas.

Desde o início, o projeto de construção de usinas hidrelétricas ao longo do curso do rio Madeira provocou a desconfiança dos milhares de beradeiros que temiam pelo desalojamento e o fim da economia pesqueira. Quando a primeira turbina da Usina de Santo Antônio entrou em funcionamento, no início de 2012, a previsão dos ribeirinhos de que suas vidas não seriam mais a mesma se confirmou: em poucos dias, o rio agitou-se mais do que o normal e os primeiros banzeiros chegaram arrebatadores ao bairro Triângulo, o mais próximo das instalações da central hidrelétrica.

⁵ Dado obtido na reportagem “Efeito ‘pós-usinas’ já preocupa economia de Porto Velho”, do site do jornal *Valor Econômico*. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/brasil/2618670/efeito-pos-usinas-ja-preocupa-economia-de-porto-velho>>. Acesso em: 13 abr. 2013.

Segundo o consórcio Santo Antônio Energia, a morte e a extinção de diversas espécies de peixes, necessárias para a subsistência dos beradeiros, não estavam previstas. Muitos caboclos se viram sem a renda garantida pela atividade pesqueira e tiveram de mudar para a cidade, em busca de um ofício para que pudessem sustentar suas famílias. Além disso, os banzeiros representam um risco à vida de quem permanece vivendo à beira do rio; cerca de 120 famílias foram desapropriadas do bairro Triângulo e hoje vivem em apartamentos alugados em Porto Velho pela Santo Antônio Energia por conta de ações judiciais, mas muito aquém da realidade a qual estavam habituados.

Em virtude das mudanças econômicas e das dificuldades que as acompanharam, os beradeiros – alguns deles descendentes dos retirantes que abandonaram as secas do sertão nordestino há mais de um século –, são obrigados a deixar seus locais de origem. Aos poucos, as comunidades se deslocam para a capital, incapazes de manter o seu modo de vida ribeirinho. Ainda assim, muitos beradeiros se recusam a abandonar suas casas e resistem mesmo com a força dos banzeiros.

Nesse contexto, movimentos culturais e artistas de Porto Velho fortalecem a resistência contra a desapropriação dos beradeiros a partir da reconstrução sua figura como elemento da cultura local. Esse processo tomou fôlego nos últimos anos e levantou o olhar para as populações ribeirinhas, que há muito foram ignoradas pelo poder público e que hoje sofrem diretamente os impactos da construção de duas usinas hidrelétricas.

A obra dos artistas locais, tal como a dos entrevistados Dom Lauro e Caribé, propõe uma ressignificação do viver caboclo, apontado por Darcy Ribeiro na definição de povo brasileiro. É o artista caboclo resistindo às transformações impostas em seu modo de ser, mas sem deixar de se apropriar de novos meios para fazer valer tal resistência – a realização de shows, a gravação de discos e a editoração de livros, muitas vezes realizados independentemente, mas que se encaixam nos moldes da produção artística e cultural contemporânea.

Mas é importante ressaltar que, ao mesmo tempo em que se tece essa resistência da parte dos ribeirinhos, há a conveniência das concessionárias em associar sua imagem à figura do beradeiro, retratado inclusive como parte integrante dos empreendimentos hidrelétricos, apontando-o como o seu principal beneficiário por conta dos projetos de compensação social. E é fundamental entender a visão dos próprios ribeirinhos a respeito dessa conveniência.

5. Da cultura popular

Antes de abordar os elementos da cultura beradeira e sua apropriação nos vetores da resistência e da conveniência, conforme apontado anteriormente, é importante discutir o conceito de cultura popular e as reflexões que o termo carrega, ainda que, como colocado pela filósofa Marilena Chauí, seja um termo de “difícil definição” (1989, p. 9).

Tomamos como ponto de partida a interpretação gramsciana acerca da cultura popular. O filósofo italiano Antonio Gramsci desenvolve o conceito nacional-popular para indicar um embate à hegemonia das classes elitistas, construída histórica e inerentemente à sociedade. A hegemonia, de acordo com Gramsci, constitui-se na existência social, a dominação ideológica de uma classe social sobre outra classe de (imperceptivelmente) subordinados.

A partir da hegemonia, surge a cultura popular, engendrada pela manifestação das diferenças sociais historicamente impostas em uma sociedade de classes. Chauí aponta que a expressão “cultura popular” indica a existência de diferenças sociais; se há uma cultura popular, admite-se também que há o não popular; havendo essa diferenciação, denota-se que a cultura popular nasce das desigualdades de uma sociedade, ou seja, reflete a falta de acesso da maioria a muitos meios de subsistência; a luta diária por descobrir formas de superar uma vida difícil é o alicerce das manifestações populares. É interessante como esse viés explica inclusive o conceito de cultura erudita, a cultura das elites, que se constitui pelo amplo acesso aos meios do bem viver, e como isso se coloca como diferencial às classes mais abastadas.

Néstor García Canclini, antropólogo argentino que investiga os fenômenos contemporâneos da comunicação e da cultura, interroga-se do porquê de existirem culturas populares e desemboca na hipótese, também apresentada por Chauí, de que

existen culturas populares porque la reproducción desigual de la sociedad genera: a) una apropiación desigual de los bienes económicos y culturales por parte de diferentes clases y grupos en la producción y en el consumo; b) una elaboración propia de sus condiciones de vida y una satisfacción específica de sus necesidades en los sectores excluidos de la participación plena en el producto social; y c) una interacción conflictiva entre las clases populares con las hegemónicas por la apropiación de los bienes. (CANCLINI, 1988: p. 49)

Pode-se desenvolver esse raciocínio quando retomamos a história da formação dos ribeirinhos e a construção de sua cultura como expressão de um modo de vida forjado por conta do abandono do poder público e das decepções que viviam a cada ciclo econômico. Tiveram de aprender a pescar, a cultivar no solo de várzea e a educar seus filhos naquele novo ambiente, a floresta. Seria o que o sociólogo Renato Ortiz apresenta como “cultura de subsistência” ao destrinchar a definição proposta pelos documentos da Secretaria de Assuntos Culturais durante os anos 1970:

A noção [de cultura] se reveste agora de um significado antropológico, isto é, ela é tomada como elemento que regula o cotidiano da vida dos homens. Mas cultura significa também adequação do homem ao meio ambiente, e como o meio ambiente das classes subalternas lhes é adverso, cultura significa criatividade. [...] E se acrescenta: “Se cultura é criatividade, não há criatividade maior que sobreviver dentro de um mercado de trabalho tão excludente.” (ORTIZ, 1994: pp. 120-121).

Seguindo essa lógica, os beradeiros associaram o repertório que tinham da vida de outros lugares ao que passaram a aprender na mata para sobreviver; construíram um novo modo de vida agregado à esperança do que viriam a ser no futuro. No entanto, sobre a perspectiva dessa nova vida, constituíram sua identidade com a floresta. Aprenderam a respeitá-la e a conhecer os fenômenos da natureza, não mais por pura necessidade de sobrevivência, mas principalmente porque aprenderam a pertencer a ela.

Nesse processo de adequação ao meio, a “cultura de subsistência” teria tomado uma dimensão permanente, isto é, elementos do cotidiano beradeiro se fixaram para além do próprio cotidiano, formando-se na consciência do ribeirinho em se reconhecer como tal. Isso significa que o modo de viver beradeiro se molda com o tempo e as transformações que o acompanham – e aqui ressalta-se as mudanças provocadas pela construção das duas hidrelétricas –, mas sua cultura não é desmantelada por completo, ela se fixou na sua consciência, na sua *identidade*.

6. Outra vida, outra identidade

Engendrou-se uma de *identidade* do beradeiro, uma concepção de mundo própria, diferente da concepção de mundo de muitos outros moradores de Porto Velho (o centro urbano). Uma vida que apresenta outra percepção geográfica: o beradeiro não se vê na periferia; pelo contrário, ele vê na floresta, na beira do rio, o seu refúgio, a sua morada.

A construção dessa concepção de mundo exigiu um processo difícil, doloroso, em relação à criação de um novo viver, vide o apresentado no histórico deste artigo. O beradeiro é, antes de tudo, moldado por outras identidades, fragmentadas ao longo do tempo, conforme foram se integrando à mata, agregando o conhecimento da natureza à percepção de vida que tinham antes.

Forjou-se uma identidade *a posteriori*, constituída por pessoas que se deslocaram em busca de uma perspectiva de trabalho, preservando elementos também de outras pessoas (os índios) que tiveram suas vidas dilaceradas em função das ambições dos colonizadores. É diferente de uma identidade constituída a partir de fatos históricos, de elementos do passado. A perspectiva do que virá do trabalho diário, da vida que almeja agora que se fixou na floresta é o que estimulou a identidade beradeira.

A formação dessa identidade é um processo constante, vivo, que se compõe de visões de mundo contraditórias ou não resolvidas (HALL, 2006). Considerando o caso do beradeiro, verifica-se que seu modo de vida se baseia em duas matrizes distintas – o índio e o migrante –, e que precisa vender os excedentes para garantir a própria subsistência, mas não estando isento das influências hegemônicas e das transformações do mundo pós-moderno.

Tais observações podem explicar as composições de Caribé sobre a cultura ribeirinha e o seu modo de vida. Em entrevista, Caribé comentou que seu ofício é ser roceiro, agricultor, pescador, e com essa atividade alimenta sua família. Mas compõe para extravasar sua atividade cotidiana, ilustrando o que o sociólogo polonês Zygmunt Bauman coloca (com base em descrição de Hannah Arendt):

A cultura mira, por assim dizer, “acima da cabeça” de tudo aquilo que atualmente passa por “realidade”. Não se preocupa com o que por acaso tenha sido proposto na agenda do dia e definido como o imperativo do momento.

Pelo menos se esforça por transcender o impacto limitador da “atualidade” assim definida, e luta para se livrar de suas demandas. (BAUMAN, 2007: p. 76)

Quando Caribé compõe suas canções, pereniza os afazeres cotidianos do ribeirinho em uma dimensão para além do instrumental; é o que pode-se verificar nos versos da composição “Feijão de Praia”:

Plantamos feijão de praia / Melão arroz e melancia / Trabalhando com firmeza / Que é para não faltar na mesa / Nosso pão de cada dia / Produzindo milho verde / Mamão banana macaxeira / Pois é assim que vivemos / Todos nós agricultor aqui da várzea do Madeira.

Dessa forma, Caribé valoriza seu ofício de agricultor através da sua função de artista. Outra canção composta por Caribé, gravada durante a entrevista concedida em 30/03/2013, aborda o orgulho em ser beradeiro e os elementos ligados à cultura e ao cotidiano do morador da ribanceira, um *agradecimento* por fazer parte daquela identidade.

Eu digo obrigado a Deus pelo grande momento / Em que me fez roceiro e produzir alimento / Para matar a fome do irmão da cidade / Eu digo obrigado a Deus por nascer no Brasil / E também ser filho da beira de um rio / Eu tenho a grande honra de ser um agricultor / Eu digo obrigado a Deus por essa terra tão boa / E ter o privilégio de andar de canoa / Por esse rio tão lindo que Deus abençoou

É um modo de viver diferente, com outra percepção de tempo, apontado pelos movimentos sociais locais como uma solução aos problemas da sociedade moderna, regida pelas regras do mercado.

[...] as populações ribeirinhas conservam um estilo de trabalho diferenciado de outras comunidades. Não possuem o desejo de acumular, fazem o seu tempo e utilizam seus espaços de conformidade com as suas necessidades. Não vivenciam a urgência de horários nem a correria para o trabalho. Estão simplesmente beneficiados pelas florestas e rios. Terras ao seu dispor,

podendo ampliar ou restringir suas área de cultivo e criação de animais. Dispõem de uma abundância de peixes e também de frutas regionais por eles cultivadas. Desconhecem a rotina do trabalho de oito horas diárias, horas-extras ou plantão. Fazem do seu cotidiano uma sequência de atividades que atendem às suas carências, dentro de um ritmo próprio. (SERRA, 2001: p. 6)

Consideremos agora as observações de Canclini que verificam a influência de elementos hegemônicos na constituição das culturas populares.

Si entendemos por cultura (más que el mundo de los libros y las bellas artes) el conjunto de procesos simbólicos a través de los cuales se comprende, reproduce y transforma la estructura social, la reorganización conservadora de la cultura puede verse como la reconstrucción del consenso ideológico necesaria para establecer una nueva hegemonía. (CANCLINI, 1988: p. 29).

A vida ribeirinha também se faz por influências hegemônicas da vida urbana em seu cotidiano. Durante o estudo de campo, observou-se que a televisão ocupa o centro das casas beradeiras. Crianças assistem a desenhos animados, homens e mulheres veem o noticiário noturno e assistem a novelas. Uma mulher lavava a louça ouvindo forró, enquanto contemplava o rio Madeira. O próprio Caribé, tomado por essas influências, compôs uma canção com o refrão em inglês com base na música-tema de uma novela da Rede Globo, “Ex mai love”, de Gaby Amarantos, com quem anunciou um show em breve em Porto Velho.

Como os próprios ribeirinhos se fizeram a partir de costumes e tradições carregados de elementos hegemônicos que imigraram com eles próprios ou com seus antepassados, e que se organizam sob a estrutura política e econômica da cidade, é natural que mantenham contato com influências hegemônicas da vida urbana.

A própria mobilização para uma região praticamente desconhecida se deu pela visualização de uma oportunidade econômica, desde os pioneiros da borracha até os migrantes mais recentes. Deslocam-se quase que diariamente para o centro de Porto Velho para vender o excedente dos produtos de sua subsistência. Isso inevitavelmente os mantém em contato com as influências hegemônicas da vida urbana e, portanto, organizam-se sob a estrutura política e econômica da cidade, ainda que vivam às margens do rio.

O estudioso jamaicano Stuart Hall afirma que

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (HALL, 2006: p. 12)

Ainda com uma “colagem” de outras identidades fragmentadas (visões de mundo) e que permanece em constante transformação – um processo vivo –, a identidade é compartilhada por indivíduos que cultivam um modo de vida particular e que os “sutura” (HALL, 2006) à estrutura a qual se inserem. Como coloca Stuart Hall (2006, p. 12), “estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unidos e predizíveis”.

7. Estudo de campo

Para elaborar o presente artigo, optou-se pela metodologia de entrevistas com ribeirinhos realizadas em dois momentos: 27 a 30 de dezembro de 2012 e 30 de março de 2013. As entrevistas foram realizadas em Porto Velho e em Cujubim⁶, município limítrofe à capital que surgiu como um núcleo urbano de apoio rural do projeto de colonização do Programa Integrado de Desenvolvimento do Noroeste do Brasil (Polonoroeste), instalado no estado de Rondônia durante a década de 1980.

Cinco pessoas foram entrevistadas. Por opção da autora, este trabalho preservará a identidade de três entrevistados. Os outros dois entrevistados serão

⁶ Vale ressaltar que, apesar de parte do estudo de campo ter sido realizada em Cujubim, o título desse artigo realça apenas a capital Porto Velho, que exerce forte influência política, cultural e socioeconômica sobre os moradores cujubienses.

identificados: Altemir Pereira Almeida, o cantor e compositor Caribé (entrevistas concedidas à autora em 27/12/12 e 30/03/13) e Lauro Laury das Neves, o poeta Dom Lauro (entrevista concedida à autora em 29/12/12).

Foram feitas duas perguntas principais para os cinco entrevistados, além de outras que tangenciaram as conversas: 1) “Qual é a sua trajetória?” (para conhecer a história do entrevistado e associá-la ao histórico da formação do povo ribeirinho); 2) “Qual é o seu sonho?” (para entender a formação de uma identidade de perspectiva – *a posteriori* – e ressignificação da figura do beradeiro a partir da visão dos próprios). No entanto, as entrevistas são apenas uma amostragem do que se pretende apresentar com este artigo e com o que pode vir a ser, futuramente, uma pesquisa mais aprofundada do assunto.

Além das entrevistas, optou-se também pela análise da obra dos dois artistas supracitados: o álbum *Cariberana* (2012), de Caribé, e as canções que ele tocou durante as visitas a sua casa em Cujubim; e a literatura de Dom Lauro, em seus livros produzidos pelo próprio poeta com papel reciclado, presos a hastes de madeira talhadas e pintadas em formato de carrancas.

Na fala dos entrevistados e nas obras analisadas, verificam-se elementos comuns que podem ser divididos em três eixos:

1. a **migração**: migrantes ou descendentes de migrantes, reconhecem-se como fruto de identidades passadas;
2. o **rio**: seu refúgio, de onde provêm sua subsistência, e a consciência de preservação em vista da construção das usinas;
3. a **cidade**: o receio com o modo de vida urbano, diferente; em contraponto à perspectiva de oportunidades.

8. A migração

Com a primeira pergunta (“Qual é a sua trajetória?”), verificou-se que dois dos cinco entrevistados são migrantes (Dom Lauro e Caribé), mas chegaram a Porto Velho em momentos diferentes (meados de 1960 e 1980, respectivamente). Ambos foram motivados pela perspectiva de crescimento econômico da região e fixaram-se após montarem um negócio local e constituírem família. Dom Lauro e Caribé são amigos e parceiros de composição há alguns anos: escreveram juntos o livro

Cardumes em cordel (2012), que conta em prosa, poesia e desenhos as histórias dos peixes da Amazônia, e o livro *Contos e lendas* (2012), uma série de poemas e textos que aborda as lendas do imaginário na Amazônia.

Os outros três são descendentes de migrantes seringueiros e comentam o fato muito brevemente; seus pais ou avôs trabalharam na extração de látex nos dois momentos auge da atividade: os que abandonaram as secas no Nordeste no fim do século XIX, e os recrutados pelo governo federal para trabalharem como soldados da borracha em meados da década de 1940.

A migração nordestina é elemento presente na obra de Caribé, como se pode ver na canção “Chiado do chinelo”, cuja melodia é um exemplar do ritmo caribberana (mistura de suça com carimbó, xaxado e baião, das influências nordestinas): *Esse caboco tem o sangue nordestino / E ele gosta mesmo é de forrofiar / Os genes vêm da Paraíba, Pernambuco / Alagoas, Rio Grande, Piauí e Ceará.*

Na literatura de Dom Lauro também se verifica a migração principalmente nordestina, mas também de outros lugares do Brasil. No livro *Poronga: a saga* (2011), o poeta conta em “prosa poética” histórias dos migrantes que abandonaram seus locais de origem para se aventurarem na Amazônia:

Os soldados da borracha que vieram em forma de informados que iam riscar uma árvore tirando seu leite para uma riqueza de fronteiras do Brasil, sendo anunciado em megafones em algumas das esquinas do tempo. Logo se encheu os navios de nordestinos em um rumo anunciado... Amazônia. Sendo deslocado por águas em navios, batelões, canoas e casquetas, até uma greta denominada colocação. (NEVES, 2011: p. 3)

Em suas canções, Caribé se coloca como uma figura elementar na formação identitária dos moradores de Porto Velho porque reúne um pouco da história rondoniense em suas canções. “Caboco rei”, por exemplo, exalta o passado dos seringueiros, os pioneiros de Rondônia e formadores da população tradicional, criando um elemento comum aos moradores da cidade:

Mas eu sei que você conhece o caboco / Que ainda pouco sofria demais / Tava sempre andando sempre trabalhando / Sonhando e sofrendo pelos

seringais / Com a faca de seringa a poronga acesa / Pelas estradas na mata medonha / Pois assim é a história / Do nosso caboco filho da Amazônia.

Em alguns poemas de Dom Lauro também se reconhecem elementos da história de Rondônia, como é o caso de “Adormecidos”:

*Sombras que sombrearam
Fazendo sombras de fumaça
De um trem de madeira e de
Ferro com o nome de
Madeira Mamoré...
Sombreadas trilhas e linhas
Daqueles que fizeram o que fizeram...
Um trem de trilhos e toras
Adormecidos os dormentes.*
(NEVES, 2012: p. 176)

Os compositores reconhecem que suas letras, apaixonadas pelo modo de viver ribeirinho, alçaram-nos a ícones da cultura popular local. Há muito, Porto Velho carecia de figuras que expressassem os elementos de sua própria identidade. Vulnerável às influências externas, a cidade padecia da falta de unidade dos próprios habitantes, grande parte formada por descendentes de migrantes ou os próprios migrantes de regiões muito diversas do Brasil.

9. O rio

Qual seria a “sutura” do beradeiro para se reconhecer à estrutura que integra? Conforme a leitura da bibliografia a respeito da vida ribeirinha, das entrevistas e da análise das obras para a produção deste artigo e até mesmo do conceito *stricto sensu* de beradeiro (morador da beira do rio), pode-se afirmar que o elemento central da identidade do beradeiro é o rio, que determina sua noção de tempo e espaço, que provém sua subsistência e cuja paisagem contemplativa alimenta a alma.

Os ribeirinhos têm nas águas a sua inspiração de vida. É dela que extrai o sustento; é através dela que em sua canoa navega horas a fio em busca de alimento, que se desloca para a lavoura, para os festejos religiosos, para os jogos de futebol, para buscar a benzedeira, a parteira que trará ao mundo um novo ser e, algumas vezes, é nas águas que fazem a sua última viagem. (SERRA, 2002: p. 5).

O rio – e o ciclo das águas, em geral – é o elemento que norteia todos os outros aspectos da vida do ribeirinho. É o seu refúgio, o local que conhece desde criança, o instrumento de compreensão de certos fenômenos a partir da previsão que faz da natureza: se as enchentes vão ser mais intensas naquele ano, se a terra ficará boa para o cultivo, qual o momento que determinada espécie de peixe surgirá naquela época do ano, como devem construir suas casas.

Durante o período de chuvas, por viverem quase à margem dos barrancos dos rios, os beradeiros sabem que suas casas vão alagar e, nesse momento, devem se recolher, muitas vezes mudando-se temporariamente para distritos vizinhos (SERRA, 2002).

Na entrevista realizada em 27/12/2012, Caribé comentou que sua casa costuma alagar no inverno amazônico (período das chuvas, com o pico no mês de fevereiro), e arremata: “Não é qualquer um que aguenta isso”. De fato, o rio estava muito cheio no fim de dezembro: as crianças brincavam muito próximas às águas do Madeira, cuja correnteza levava troncos rio abaixo em velocidade furiosa.

Dom Lauro descreve no poema “Dormindo preservando” a preocupação do beradeiro em relação ao ciclo do rio, dessa vez abordando o período das secas, quando as águas ficam tão baixas que se torna difícil de navegar, e os barrancos íngremes ficam expostos:

O caboclo disse em pensamento
Dormi a noite inteira
Levantei
Fiz aquela caminhada
De cinco passadas
Até o barranco
Olhei o rio, continuava
As águas descendo

No mesmo rumo para baixo
 Voltei, olhei a foice
 Estava torta por trás da porta
 Voltei a dormir novamente
 Ecologicamente...
 (NEVES, 2012: p. 95)

O rio é a base da vida de qualquer ribeirão. Qualquer coisa que ocorra ao rio provocará uma reação direta no beradeiro. Por isso que a construção das usinas hidrelétricas se tornou tão preocupante para o modo de viver do caboclo. Os banzeiros se tornaram mais fortes, os peixes estão desaparecendo, e, com a inundação da região, diversos povoados terão de ser desapropriados.

Contudo, os ribeirinhos apostam na fúria do rio Madeira – que tratam muito mais do que um rio, tratam-no como uma entidade. O Madeira é um rio de águas brancas, carrega em seu curso os sedimentos transportados da Cordilheira dos Andes, de onde nasce. Esses sedimentos, segundo a previsão de alguns estudiosos⁷, trarão problemas para a estrutura das turbinas das barragens, pois o constante atrito prejudicará o funcionamento a longo prazo. Além disso, o rio está sendo assoreado, e isso atrapalha o tráfego de embarcações do porto de Porto Velho durante o período das secas.

Em “Feijão de praia”, Caribé aponta a preocupação do ribeirão, ainda que de forma muito sutil, em relação à construção das usinas hidrelétricas, mas deixa aberta a possibilidade de um acordo de “integração e harmonia” entre os beradeiros e as empresas responsáveis pelos empreendimentos: *As hidrelétricas tão chegando de mansinho / Eu não sei se atrapalha ou se veio para ajudar / Mas se houver uma integração e harmonia / Das usinas com os cabocos / Nós vamos continuar.*

Algumas composições de Caribé contêm forte apelo ambiental, como “Madeira”, dialogando com o empreendedor para que se crie a consciência de preservação da natureza. Assim, ele busca construir uma resistência a partir da concepção de natureza do ribeirão, que confronta com a visão capitalista que vê no

⁷ ALAM, Sultan. **Estudos hidráulicos e de sedimentos**. Brasília: Ministério de Minas e Energia, 2007. Disponível em:
 <http://philip.inpa.gov.br/publ_livres/Dossie/Mad/Documentos%20Oficiais/Alisultan%20report/sultan_relatorio_traducao.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2013

rio um empreendimento, uma oportunidade de gerar riquezas. Mas, como dito, é um diálogo, um pedido para que se encontre uma solução que não agrida a natureza: *Não é preciso destruir a natureza / Proteja sua beleza / E tenha compreensão / Vamos encarar esse grande desafio / E vamos proteger o rio / Que é o nosso coração.*

Já Dom Lauro se posiciona de forma mais ferrenha no poema “Porto do Velho”, em que coloca: *É assinado o tratado / Vamos desbarrancar os ribeirinhos / Derrubar o Jirau / Afogar o Santo Antônio / Energia sim, a ecologia que nade* (NEVES, 2008: p. 131).

A própria estrutura política e econômica vigente tenta isolar os ribeirinhos da vida na cidade, dos meios aos quais os habitantes urbanos têm (hipoteticamente) acesso mais fácil. O preconceito formado em torno do beradeiro é um fator que mantém esse isolamento: por conta do modo de vida diferente, construído em função da natureza e do que ela pode lhes oferecer, os beradeiros não são vistos com bons olhos pelos adeptos ao estilo habitual da cidade, dos empreendedores que se esmeram em *executar* o desenvolvimento (no viés capitalista) em Porto Velho, os ribeirinhos são considerados preguiçosos ou inertes; o próprio termo “beradeiro” é empregado com a mesma carga pejorativa aplicada aos termos “caipira” e “matuto”.

Beradeiro brinca com a palavra “beira”, no modo de falar caboclo. Vivem literalmente à margem – do rio –, e assim são vistos pelos moradores da cidade: marginais, com o sentido de “moradores da periferia”. Apesar disso, os beradeiros não se veem assim; ou se veem em tal posição, mas orgulham-se do rio e da floresta onde aprenderam a viver.

Caribé tem lutado, por meio de sua música, para quebrar esse preconceito contra a figura do ribeirinho. Outros versos de “Feijão de praia” coloca esse ponto de vista:

Essa mania de dizer que somos brega / Somos otários somos pobres / É só inveja que eles têm / E as pessoas que vivem falando isso / É tentando nos dá trambique / E tirar o que a gente tem / Tem uma galera que vem lá do estrangeiro / Dizendo que vai ajudar mas quer levar tudo pra eles / Ainda por cima nos chamam de preguiçoso / Preguiçoso é a véia / Nós não precisamos deles

10. A cidade

Em Porto Velho, o termo “beradeiro” – morador da beira do rio – tem sido muito empregado em diversos movimentos culturais da cidade, uma forma de reafirmação da cultura local por meio da reconstrução da sua figura. O emprego de “beradeiro” pelos grupos culturais e de resistência em Porto Velho ocorre também para quebrar os preconceitos sobre o povo ribeirinho, muitas vezes tratado pela população urbana de forma depreciativa. A beira do rio é, para muitos, a periferia de Porto Velho, por ser um ambiente adverso à visão dos que vivem na cidade, longe de hospitais, centros comerciais e outros locais que regem a vida urbana.

Por conta disso, o termo “beradeiro” carrega um sentido geográfico muito intenso, justamente pelo significado original. Se para o morador da cidade a beira do rio é o ambiente adverso, para os beradeiros, em geral, ocorre o contrário: segundo os ribeirinhos, a cidade é vista como violenta, agitada, cansativa e difícil de viver. Tal ponto de vista é verificado na fala de uma das entrevistadas:

Era muito triste morar em Porto Velho, terrível, você nasceu e se criou no mato, né? Aí eu disse: “não, eu vou me embora daqui” [...] Aquele tempo tinha gangue em Porto Velho, aí eu digo: Não vou criar meus filho aqui não, porque eles vão virar bandido”. (Entrevista concedida à autora em 27/12/12)

Caribé comentou em entrevista que, ainda assim, muitos beradeiros se questionam se a vida urbana não seria melhor que a vida ribeirinha, em especial os filhos de beradeiros que deixam a casa dos pais para arrumar trabalho na cidade. Ele fala do caboclo que cogita abandonar a ribanceira para viver na cidade, crente que poderá viver melhor. Mas, segundo o compositor, o caboclo não se adapta ao ritmo da vida urbana, escassa em diversos aspectos, principalmente nos elementos que constituem sua identidade:

Pessoal vende o sítio, vai para a cidade, com dois meses está de volta. Porque ele é isso aqui. Por mais dinheiro que ele tenha, ele começa a olhar para as coisas, “não vai dar certo, não é a minha praia” e vai embora, porque sem isso aqui ele não é nada. (Entrevista concedida à autora em 27/12/12)

A cidade não condiz com o que o ribeirinho acredita. É uma forma diferente de viver, não é fácil a adaptação. Por isso muitos têm sofrido com as desapropriações impostas pela construção das usinas. Abandonar a beira do rio é muito mais do que abandonar sua casa; é abandonar a essência de ser de quem sempre viveu ali.

No entanto, a cidade é vista também com a perspectiva das oportunidades para os que por conta própria deixam as ribanceiras e migram para Porto Velho e outros centros urbanos em busca de emprego. As zonas próximas às casas ribeirinhas também se urbanizam pouco a pouco, como é o caso de Cujubim, o município onde vive Caribé.

A segunda mulher entrevistada para esta pesquisa contou que seu sonho é inaugurar um restaurante no município de Cujubim e aproveitar a urbanização da região: “Nós estamos querendo montar aqui um restaurante. Eu tenho fé em Deus que isso vai dar certo [...] E nós queremos daqui mesmo tirar a alimentação para a gente vender”. (Entrevista concedida à autora em 30/03/2013)

O próprio Caribé tira parte de seu sustento com os shows que realiza na cidade. Periodicamente, o artista é convidado para apresentações que buscam promover a cultura local portovelhense, como eventos cívicos e comemorativos de fatos da história de Rondônia, como, por exemplo, o show do centenário da EFMM, realizado em agosto de 2012, no qual o poeta Dom Lauro também participou. Seu primeiro CD, *Cariberana*, recebeu recursos da Santo Antônio Energia em uma das iniciativas de compensação social das comunidades ribeirinhas, o programa Ecos do Madeira em parceria com a exposição Amazônia Brasil.

Dessa forma, a ressignificação do caboclo, engendrada pela resistência em manter seu modo de vida e valorizar os elementos de sua cultura, também se constitui da apropriação dos meios da vida capitalista, dos meios em que vivem os moradores da cidade (o restaurante, o show, o CD). Tal ressignificação é importante para que eles se reafirmem como moradores do rio Madeira, da cidade de Porto Velho e região, assim como qualquer morador da capital rondoniense.

Questionado se abandonaria a beira do rio para viver na cidade, fruto do sucesso de seu trabalho como artista, Caribé é enfático em desconsiderar a hipótese:

Sem isso aqui eu não sou nada, não sou ninguém. Eu sou “caboco” não é porque eu quero ser, é porque eu sou “caboco”! O cara que está lá em São Paulo, se ele se viver sem aquilo, se acaba. O cara que nasceu num

apartamento e vai pro emprego e volta, se ele sair dali, ele se arrebenta. Eu sou isso aqui. Faço parte disso. Isso faz parte de mim. Não viveria! Com a cabeça que eu tenho, com o que tenho em mente, numa cidade, viveria muito bem financeiramente. Mas eu não viveria. Eu sobreviveria. (Entrevista concedida à autora em 27/12/12)

Pode-se observar que a cidade tem duas faces para o ribeirinho: o receio com o modo de vida urbano, que é diferente do que rege a vida do beradeiro; e a perspectiva de uma vida melhor, com acesso a mais recursos. Esse ponto denota o conceito de ambiguidade abordado por Chauí:

Ambiguidade não é falha, defeito, carência de um sentido que seria rigoroso se fosse unívoco. Ambiguidade é a forma de existência dos objetos da percepção e da cultura, percepção e cultura sendo, elas também, ambíguas, constituídas não de elementos ou de partes separáveis, mas de dimensões simultâneas que, como dizia ainda Merleau-Ponty, somente serão alcançadas por uma racionalidade alargada, para além do intelectualismo e do empirismo. (CHAUÍ, 1989: p. 123)

A partir dessa conceituação, pode-se dizer que Porto Velho é uma cidade ambígua, pois busca, por um lado, o desenvolvimento econômico a qualquer custo, ainda que viva a penúria de ser uma cidade de ciclos econômicos – o que Chauí aponta como conformismo; mas, por outro, luta para preservar as características de uma cidade amazônica, uma cidade *beradeira*, a face da resistência.

Considerações finais

As dicotomias apresentadas na identidade ribeirinha demonstram uma cultura constituída a partir da perspectiva dos moradores da beira do rio que, desde os primeiros migrantes, buscam viver uma vida que garanta o seu sustento e de seus familiares. São dicotomias porque engendram a ambiguidade nos beradeiros, tal como quaisquer outros indivíduos. Os caboclos se estabeleceram no local em que historicamente lutaram para permanecer e qualquer intervenção em seu modo de vida se coloca de forma agressiva, como é os casos dos ribeirinhos do Triângulo, desapropriados de suas casas e deslocados para a cidade.

Mas também são alvo de qualquer projeto que se desenvolva na região, visto os projetos de compensação social das concessionárias das usinas; afinal, por muito tempo os poderes público e privado voltaram as costas para eles e hoje, por conveniência, não mais podem fazê-lo. Não podem porque a cidade de Porto Velho demanda ícones da cultura popular local, pessoas que façam o registro artístico dos elementos simbólicos que constroem (e ainda reconstroem) a identidade portovelhense, entremeada com a identidade beradeira. Não podem também porque estão invadindo o espaço natural da vida ribeirinha, a cidade com a expansão urbana e as concessionárias com a construção das usinas.

Desapropriá-los é uma tarefa complicada. Para o ribeirinho, abandonar sua casa à frente do rio Madeira é muito mais do que deixar seus bens para trás; é deixar sua essência de ser. Muitos já se mudaram por conta própria para a cidade, em busca de melhor perspectiva de vida, mas não se adaptaram e retornaram.

Conforme apresentado ao longo deste artigo, verifica-se que o beradeiro construiu seu modo de vida particular, avesso à cidade, após muito sofrimento e perseverança. Hoje, os beradeiros e os artistas da região buscam a ressignificação do viver “caboco” (sem a letra l, em acordo com o falar ribeirinho), entremeando fatores de resistência e meios para se afirmar como o povo nativo da Amazônia, em prol de sua preservação e do desenvolvimento avesso ao imediatismo capitalista, mais ligado à sua maneira de viver em simbiose com a floresta.

O rio tem um significado muito maior do que apenas o local para a construção de novos empreendimentos. Por isso, é importante entender a lógica do ribeirinho, pois ele precisa do rio para sua subsistência e contemplação de sua própria identidade. Ainda que a identidade seja um processo vivo, de contínuas mudança – em se tratando

da cultura ribeirinha, ela foi forjada por uma identidade de trânsito, *a posteriori*, da “colagem” identitária de migrantes de diversos lugares e épocas –, os elementos culturais que a embasam adquiriram dimensão permanente para serem culturais, para ir além do próprio cotidiano, e a percepção dessa dimensão é um passo importante para quebrar preconceitos e respeitar a visão de mundo do próximo.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Altemir Pereira; NEVES, Lauro Laury. *Cardumes em cordel*. Porto Velho, RO, 2012.
- _____. *Contos e lendas*. Porto Velho, RO, 2012.
- ARANHA, Ana. "Um rio em fúria". São Paulo: Amazônia.org.br, 2012. Disponível em: <<http://amazonia.org.br/2012/12/um-rio-em-f%C3%BAria/>>. Acesso em: 20 abr. 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.
- CABRAL, Josélia Fontenele Batista. *Olhares sobre a realidade do ribeirão: uma contribuição ao tema*. Porto Velho: Revista *Presença* n. 24, 2002.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *Cultura Transnacional y culturas populares: bases teórico-metodológicas para la investigación*. Lima: R. Roncagliolo, 1988.
- CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- FERREIRA, Maria Nazareth. *Alternativas metodológicas para a produção científica*. São Paulo: CELACC, 2006.
- FONSECA, Dante Ribeiro; TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues. *História Regional (Rondônia)*. 4. ed. Porto Velho: Rondoniana, 2003.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2011.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico 2000*. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.
- _____. *Censo demográfico 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.
- NEVES, Josélia Gomes. *Ribeirinhos, desenvolvimento e a sustentabilidade possível*. São Paulo: P@rtes, 2005.
- NEVES, Lauro Laury. *Espia a poesia*. Porto Velho, RO, 2008.
- _____. *Poronga: a saga*. Porto Velho, RO, 2011.
- _____. *Repara a poesia*. Porto Velho, RO, 2011.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SERRA, Nara Eliana Miller. *Compreendendo a lógica do trabalho em populações tradicionais ribeirinhas*. Porto Velho: Revista *Presença* n. 22, 2001.

- _____. *No ritmo das águas*. Porto Velho: Revista *Presença* n. 24, 2002.
- SILVA, Amizael Gomes. *Amazônia Porto Velho*. Porto Velho: Palmares, 1991.
- SILVA, Helenice Rodrigues da. *Cultura, culturalismo e identidades: reivindicações legítimas no final do século XX?* Rio de Janeiro: Revista *Tempo* n. 17, 2004.
- THÉRY, Hervé. *Rondônia: mutações de um território federal na Amazônia brasileira*. 2. ed. Tradução: Evelyne Mainbourg. Paris: Universidade de Paris, 2010.